

RECADO DE PARIS

PARIS, junho — O preço do gás aumentou. Os vereadores comunistas de Nîmes resolveram proibir a representação, na cidade, da peça "Les Mouches", de Sartre. Reuniu-se o Congresso da Federação Nacional das Sociedades de Cremação, que tem 1.500 membros, entre os quais Herriot. Discurso do sr. Hazemann, elogiando a Dinamarca, onde 50 por cento dos defuntos pedem (antes) para serem queimados (depois) em contraste com a França onde apenas 1.000 cidadãos viraram cinzas voluntariamente o ano passado. "Pela saúde dos vivos é preciso queimar os mortos" — diz o doutor, que tem argumentos de higiene, urbanismo e economia.

Misse Vice e a irmã foram presas quando tentavam fazer uma "chantage" contra um tio e outro cavalheiro, no "Pam-Pam" dos Champs Élysées. Misse Vice ameaçava fazer revelações comprometedoras se os cavalheiros não entrassem com o "fric", isto é, a nota. Confessou que, como uma vez, tendo bebido muito, ficou nua em uma festa, era sempre convidada (e paga) para festas não excessivamente não-familiares, onde sua função era ficar nua a certa altura dos acontecimentos — "não pela minha nudez em si mesma, diz com modéstia, mas para animar as outras pequenas".

Misse Vice está na cadeia depois de seu golpe infeliz. É pena (a cadeia e os antecedentes) porque, sem ser realmente bela, é interessante e ainda menor de idade.

Um cavalheiro indiscreto, mas muito bem informado, divulga que Sartre está ganhando por mês, como autor, uns 240 contos (ao câmbio oficial) vindos de vários países.

Esticado na cama, o velho Matisse trabalha em "maquettes" de papel cortado para a capela de Venecia. Uma senhora visitante admira um desenho:

— Que maravilha, mestre, estas algas marinhas!

E o velho, de mau humor, levanta a cabeça lá atrás:

— São cactos, minha senhora.

Como a primavera está quente, todo mundo começa a desertar para as férias de verão. Cocteau e Colette já foram para o Sul; Cocteau agora pinta as paredes da casa de um amigo e Colette, quase completamente imobilizada, consulta médicos e escreve sempre. Esses dois operários que aproveitam as férias para trabalhar se explicam com o repórter. "Preciso fazer alguma coisa com as mãos — diz Cocteau —, elas não sabem ficar paradas". E Colette: "eu não tenho artrite nem nas mãos nem na cabeça".

André Rousseaux faz a crítica do "Doutor Fausto", o último livro de Thomas Mann. "Thibaudet, em um ataque de metáforas gastronômicas, comparou Proust a uma carpa "à la Chambord". Este livro de Thomas Mann é um chucrute..."

27.6.50

R. B.